

CARTOGRAFIA DA PAISAGEM EM MOVIMENTO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO COTIDIANO RIBEIRINHO

CARTOGRAPHY OF THE LANDSCAPE IN MOVIMENT: CHANGES AND PERMANENCES IN RIBEIRINHO DAILY LIFE

MAX JOSÉ COSTA E COSTA¹²



Resumo

O presente artigo destaca o relato dos moradores do Furo Pai Pedro na Costa Maratauíra, um território de comunidades tradicionais nas ilhas de Abaetetuba, Pará. Trata-se de uma experiência diferenciada de contar sobre a mudança na paisagem. Na lembrança de moradores como os pescadores e coletores de açaí, que vivem na localidade, a paisagem se delinea mostrando o antes e o hoje, por meio e entremeio das travessias entre a cidade e as ilhas. Nesse esforço busca-se entender a mudança através dos relatos que traduzem a experiência de vida desses sujeitos com a pesca, com a escassez que se avoluma, da coleta de frutos e suas travessias entre as cidades e as ilhas. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas abertas e uma oficina com 5 pessoas para a produção do croqui. Com esses dados foi possível construir a cartografia social do Furo Pai Pedro e perceber que os avanços das técnicas modernas, ao mesmo tempo em que trouxeram melhorias nas condições de vida, por outro lado, devastaram os recursos naturais e modificaram a paisagem.

Palavras-chave: Abaetetuba; pescadores; coletores de açaí; biodiversidade.

Abstract

This article highlights the report of residents of Furo Pai Pedro on the Maratauíra Coast, a territory of traditional communities on the islands of Abaetetuba, Pará. It is a differentiated experience of talking about the change in the landscape. In the memory of residents such as fishermen and açai collectors, who live in the locality, the landscape is outlined showing the before and today, through and between the crossings between the city and the islands. In this effort, we seek to understand the change through reports that translate the life experience of these subjects with fishing, with the increasing scarcity, the collection of fruits and their crossings between cities and islands. Data collection took place through open interviews and a workshop with 5 people to produce the sketch. Through these data, it was possible to build the social cartography of Furo Pai Pedro and realize that the advances of modern techniques, while they brought improvements in living conditions, on the other hand, devastated natural resources and changed the landscape.

Keywords: Abaetetuba, fishermen, açai collectors; biodiversity.

Introdução

O município de Abaetetuba está localizado na região do Baixo Tocantins¹³, cuja singularidade é sua vasta biodiversidade, rios, furos e igarapés e uma ampla planície de

¹² Mestre pelo programa de Pós-Graduação Cidades, Territórios e Identidades. Especialista em Extensão, inovação socioambiental e Desenvolvimento de sistemas agroalimentares pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará, possui graduação em Educação do Campo (Ciências Naturais) pela Universidade Federal do Pará (2018). E-mail: max22jose@gmail.com.



inundação, que corresponde à várzea do estuário conforme Lima, Tourinho e Costa (2001). Adaptados a esses recursos, grupos humanos inteiros têm desenvolvido um modo de vida próprio com base no que a várzea oferece, destacando-se, o cultivo de espécies, a caça, a pesca e a coleta de frutos, como o açaí (*Euterpe oleracea*).

O Pai Pedro se denomina furo por se tratar da comunicação que faz com um rio, como define Chaves e Furtado (2017). O Furo Pai Pedro liga a costa do rio Maratauíra ao outro furo maior, o Maracapucu-Miri, que deságua tanto no rio Maratauíra, quanto no rio Tocantins. Esses cursos d'água fazem parte de um grande emaranhado que recorta a vasta área insular do município de Abaetetuba/PA.

Na memória dos entrevistados e entrevistadas, aqui tratados como agentes sociais¹⁴, o Furo Pai Pedro, mais que um lugar de passagem, foi lugar de refúgio de cabanos, de um sistema de uso comum baseado na floresta e nos cultivos de recursos naturais, além de um entreposto comercial, a Casa Branca, que por muito tempo foi a responsável por um sistema de aviamento estabelecido nessa região das ilhas. A passagem do tempo traz outros elementos a essa paisagem, medida em que as transformações mudam o cotidiano e a forma do Furo Pai Pedro, tais mudanças tendem a uma maior proporção, com efeitos deletérios nas áreas de cultivo onde se predomina a várzea¹⁵ e na pesca. Essas mudanças têm causado efeito no hábito alimentar, principalmente para quem depende da pesca como meio de sobrevivência. Por sua vez, o assoreamento do rio leva a escassez do peixe, como aponta Ramalho et al (2014), que faz um levantamento de fatores que levam à ausência de peixes nos rios e seus afluentes, como é o caso dos igarapés que estão com sua profundidade alterada, tendo como principal elemento os troncos das árvores que são jogados nos rios.

Nos relatos, a mudança é percebida por meio da erosão das margens dos rios e o assoreamento, que dificultam a locomoção quando a maré tem seu nível mais baixo. Por exemplo, Gonsalves e Brasil (2016) explicam que a derrubada das árvores nativas, principalmente para colocar o açazeiro faz com que ocorra a fragilidade dos solos presentes nas margens dos rios. Outro fator diz respeito às técnicas e artefatos para se

¹³ Trata-se do Território da Cidadania definido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e compreende 11 municípios: Abaetetuba, Acará, Baião, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará e Tailândia.

¹⁴ Para Saquet (2009), os/as agentes sociais são sujeitos que estão ligados com o espaço-tempo-território, de maneira material e imaterial que forma cada sujeito.

¹⁵ Quando a maré invade a várzea, os detritos maiores ou mais pesados sedimentam primeiro na faixa próxima ao rio, enquanto as partículas minerais finíssimas e as substâncias mais leves são transportadas além, depositando-se em pontos mais distantes da margem (LIMA, TOURINHO, COSTA, 2001, p. 43).



relacionar com os recursos naturais e a vida material, outra consequência é a escassez do peixe, antes muito abundante, a tal ponto que, hoje, ir à pesca não significa dizer que haverá pescado.

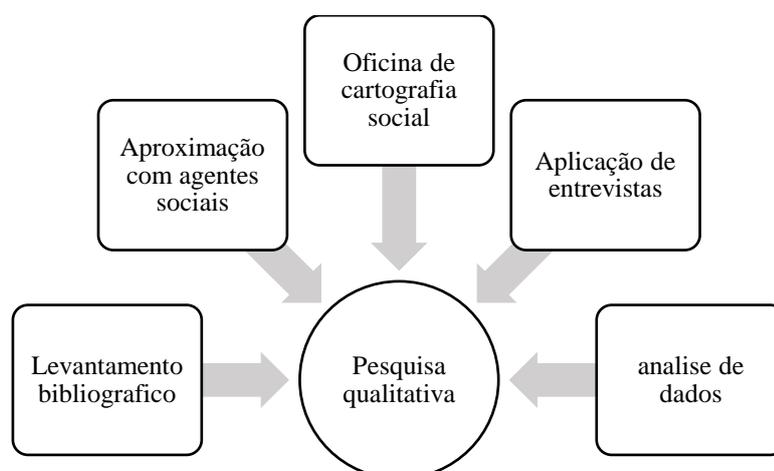
A paisagem está tomada pelo cultivo do açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), para beneficiar a comercialização do açaí. Os estudos de Araújo e Navegantes-Alves (2015) apontam para o manejo dos açazais, quando intensificados aumentam os riscos de desaparecimento de outras espécies. É notório o predomínio dessa palmeira, que se alonga pelas margens e adentra as parcelas do terreno, pois o fruto é a principal moeda, que movimenta o comércio, a tal ponto de fazer parte do mercado de *commodites*.

O presente artigo tem por objetivo central entender as mudanças nessa paisagem ribeirinha, a partir dos relatos dos moradores do Furo Pai Pedro; ainda analisar, por meio dos relatos, os efeitos nas práticas cotidianas desses agentes sociais e sua relação com processos mais globais.

Metodologia

O Furo Pai Pedro está localizado na margem direita do rio Maratauíra no município de Abaetetuba, Pará; nesse lugar residem 7 famílias, na parte interna se localiza também o furo do Ira. Além disso, o furo é ligado a Costa do Rio onde se integram pessoas que têm relação íntima devido ao grau de parentesco e as relações com os recursos naturais. O fluxograma a seguir apresenta os caminhos trilhados para a construção do presente trabalho.

Fluxograma 1 - Caminho utilizado para a construção do artigo



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.





O artigo se insere em pesquisa de natureza qualitativa e se perpassa sobre a etnografia como trata Godoy (1995), esse método exige o esforço de compreender a trajetória do grupo pesquisado e a pesquisa de campo por meio das entrevistas semiestruturadas, e a utilização da cartografia social (ALMEIDA, 2011) como ferramenta metodológica, na qual foi produzido um croqui que reverbera a representação da paisagem antes, na memória de entrevistados e entrevistadas que habitaram no Furo Pai Pedro e hoje moram na Costa do rio Maratauíra.

As entrevistas foram coletadas a partir do diálogo com moradores do Furo Pai Pedro, nessa perspectiva foi fundamental o trabalho de Bourdieu (1997), primeiramente levando em conta uma comunicação não violenta, buscou-se ser fiel ao reescrever a forma como foi relato, considerando as variações linguísticas e o saber local. Os entrevistados, por sua vez, assinaram um termo de autorização do uso de seus respectivos nomes a partir dos dados coletados através da oficina de cartografia social e entrevistas, respeitando as regras conforme o comitê de ética.

Com base nessa descrição, pode-se falar numa cartografia social do Furo Pai Pedro, cujas particularidades são descritas por meio dos traços desenhados e coloridos no papel, o que resultou um croqui. Eles falam por si, se apropriando de técnicas que ajudam a confirmar e visualizar suas memórias. Quanto à cartografia social, o estudo de Almeida (2012) retrata acerca da construção através de oficinas descrevendo o território que pertencem, neste caso o cotidiano do grupo social e suas práticas nesse território coletivo.

Elementos da paisagem do Furo Pai Pedro visualizados no croqui

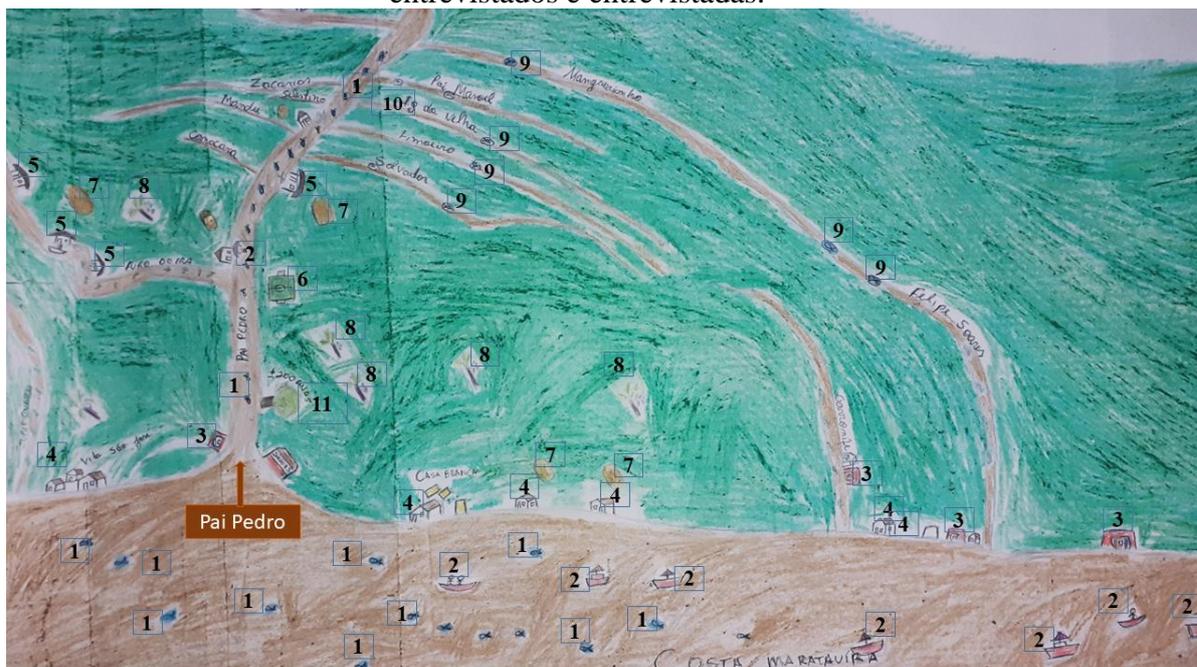
O Croqui foi construído na oficina ocorrida no dia 19 de junho de 2021, ainda em meio a pandemia da COVID-19, o que obrigou os participantes a obedecerem aos protocolos de segurança, como o uso de máscara e álcool 70%. A oficina ocorreu na residência de um dos entrevistados e envolveu cinco pessoas: os senhores e senhoras Ivanildo Cardoso, Manoel José Costa, Maria Costa, Adevaldo e Alessandra Silva. Esses, por sua vez, assinaram um termo de autorização do uso de seus respectivos nomes a partir dos dados coletados através da oficina de cartografia social e entrevistas, respeitando as regras conforme o comitê de ética.

Nesta perspectiva, a cartografia construída coletivamente remete ao conceito de mapas mentais, os estudos de Nogueira (2021) apontam para os lugares vividos por um povo ao considerar as simbologias e a relação estreita do ser com seu lugar. O croqui



(Figura 1) traz a lembranças de como era a paisagem local. A representação é uma amostra daquilo que vem sendo modificado. Como explica a legenda, a pintura verde representa a mata virgem, substituída hoje pela monocultura do açaí, mas o produto também exibe os peixes em abundância que existiam antigamente, bem como os igarapés marcados com seus poços, que hoje são inexistentes.

Figura 1 - Croqui da paisagem no passado do Furo Pai Pedro na percepção dos entrevistados e entrevistadas.



Legenda:

- 1- Pesqueiros
- 2- Embarcações
- 3- Olarias

- 4- Casas de madeira
- 5- Casas cobertas de palha
- 6- Campo de futebol
- 7- Rochas

- 8- Açaizeiros
- 9- Poços de Igarapé
- 10- Igarapé da Velha
- 11- Árvore de 200 anos

Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Se torna visível, ao longo dos resultados obtidos, a alteração da paisagem. Os desenhos apresentados por esses moradores refletem em seus relatos tratando-se de um lugar que vem passando por mudanças paisagísticas. Entende-se, então, a necessidade de conceituar este aspecto.

O conceito de paisagem está atribuído a sua relação com o território, um lugar que é vivido por comunidades onde perpassa as experiências vivenciadas por sujeitos. Aquilo que é vivido de forma próxima com os animais, o solo, o clima, o rio e a floresta, faz-se pensar na paisagem formada por um conjunto de elementos que o ser humano interage, como é afirmado pelos autores:





A paisagem é constituída por um conjunto de elementos, dos quais fazem parte os processos naturais e a utilização que deles fazem os grupos humanos, apresentando determinada organização e estrutura espacial. Qualquer uma das componentes existentes apresenta clara dependência em relação a um todo, resultando sempre da sua interação no tempo e no espaço. Desta forma, é a materialização das componentes físicas e humanas que reveste de sentido aquilo a que chamamos paisagem e que constitui, no fundo, o território (CASTRO, CUNHA, SANTOS, 2005, p. 139).

Como argumentam os autores, a paisagem é uma formação que se constitui por um conjunto de materialidade, nessa perspectiva, a utilização dos recursos naturais feita por grupos humanos se liga à mudança na paisagem, isso se estabelece na luta pela sobrevivência interferindo na floresta e na água, na medida que essas paisagens são exploradas.

Na obra “A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais”, os autores Victor Toledo e Barrera-Bassols (2015) apontam que a expansão da espécie humana está ligada à diversificação biológica e da paisagem, o ser humano tirou proveito disso para suprir suas necessidades a partir da sua relação com a natureza, o que mencionam como “apropriação adequada” por comunidades espalhadas no mundo todo que fazem uso prudente da biodiversidade. No livro “A condição humana”, Hannah Arendt (2007) trata o comportamento humano constituído por meio das palavras e de suas próprias ações, o trabalho, por exemplo, é uma ação vital estimulando a forma de pensar sobre as atividades cotidianas, realizando assim a sua materialidade.

Ao aproximar a abordagem dos autores supracitados do objeto tratado empiricamente neste artigo, nota-se que “as ações” desses agentes sociais estão baseadas nas suas vivências, as quais estão intimamente relacionadas aos recursos que o meio ambiente proporciona. Nesse sentido, a fala de um entrevistado pode exemplificar esse argumento:

Várias vezes eu tive a proposta de sair daqui e ir trabalhar pra fora nessas empresas, mas aí eu penso, aqui eu não tenho salário, mas se eu não tenho nada pra dar pra minha família, eu vou pro rio, joga a minha rede ou coloco um matapi e já tenho o que comer, porque somos privilegiados no lugar que a gente vive.¹⁶

O relato do entrevistado configura a relação íntima que há entre esses agentes sociais com o seu território, seu lugar de vida. Esse é o lugar onde os ribeirinhos estão ligados, é o elo, conforme afirma Yi-Fu Tuan (1980), estabelecido entre seres humanos.

¹⁶ COSTA, Adevaldo. Entrevista concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



Nesse contexto, a pesca e as atividades de coleta e manejo da terra refletem nas relações socioambientais, a partir das suas vivências.

A utilização de embarcação sempre foi um elemento importante para ligar esses sujeitos com o lugar que habitam, sendo necessária a utilização dessas embarcações para se locomover nos rios, furos e igarapés, seja para a atividade de pesca, transportar açaí e até mesmo ir à casa das pessoas e à cidade. A locomoção para as comunidades ribeirinhas é por meio do rio, e as embarcações são essenciais para a locomoção se tratando da várzea, levando em consideração o solo úmido e as travessias que há entre rios, furos e igarapés.

No passado recente havia poucas embarcações motorizadas e, assim, as viagens até a cidade se davam através da canoa – o casco – movida a remo, e duravam horas para chegar, posto que dependiam da força de quem remava. Quanto mais distante o rio da cidade, maior o tempo de viagem e assim, muitas vezes, as famílias se juntavam para irem juntas remando até a cidade.

Na entrevista feita com um morador, ele relata como era esse modo de vida:

Ninguém tinha motor, isso foi aparecendo, por aqui, nós tínhamos batelão, que a gente levava a cana, pra indústria, a pessoa usava pra trabalhar na olaria também, a gente ia a remo pra cidade, uma ou duas vez no mês, a gente demorava mina pra chegar (risos), hoje em dia não, em menos de uma hora a gente chega lá¹⁷.

Hoje, poucas pessoas remam ou têm montaria. A embarcação movida a motor na atualidade é o principal instrumento de locomoção nos rios, que facilita o acesso e beneficia o transporte do açaí, bem como o tempo de deslocamento de um lugar ao outro.

Imagem 1 - Embarcação motorizada no Furo Pai Pedro.



Fonte: Alex Ribeiro, 2021.

¹⁷ COSTA, José Manoel. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



Outros elementos da paisagem também foram se modificando ao longo dos anos como salienta a entrevistada: “Tinha uma olaria, bem na entrada do furo do lado esquerdo de quem entra, do outro lado tinha uma sede do clube de futebol Itamar Sport Clube que ficava do lado direito as festas eram bonitas lá, o campo ainda existe”¹⁸.

De acordo com a descrição da entrevistada, sobre esses elementos que era possível visualizar na paisagem, não há mais a olaria, o campo e nem a sede da entrada do furo. Na medida que as experiências são relatadas, surgem elementos que marcam a trajetória desses agentes sociais. Neste sentido Toledo (2001) expõe que a modernidade raramente leva em consideração o tradicional.

No Furo Pai Pedro, o campo de futebol Itamar Esporte Club é o ambiente onde ocorre a prática do esporte, o estádio ainda é ambiente de jogos com equipes de outras comunidades. Havia a rivalidade entre O Itamar e o time de futebol do Rio Maracapucu, chamado Claudinho.

Quando tinha o evento, reuniam-se dezenas de pessoas para ver o jogo, que era sempre cheio de emoções, o campo de futebol recebeu times tradicionais de Abaetetuba, como é o caso do Abaeté Esporte Clube e o Vênus Atlético Clube. Todavia, o assoreamento tem também afetado esse espaço de lazer, que promoveu e ainda promove a sociabilidade dos comunitários.

*Esse campo ele é antigo, uma coisa que nós ver que mudou é a beirada dele que caiu, a terra caiu bastante e quanto mais o tempo passa, mas a terra cai. Outra coisa é a participação o pessoal que tem hoje, parece que não tem amor por isso, tem tarde que não dá ninguém, eles prefere ir pra Arena do Jupariquara, até demais longe só porque é mais moderno. Tudo que eu vive aqui deixa eu desanimado.*¹⁹

Com efeito, o abandono do campo de futebol do Pai Pedro por outro “mais moderno”, implica mencionar não só o assoreamento das margens, mas no desaparecimento de outros cursos d’água. Os entrevistados mencionam o Furo do Ira, um afluente do Pai Pedro, que com suas curvas sinuosas, cortava extensa porção das ilhas. Antes, era ele quem dava ao rio a trajetória mais extensa comparado o itinerário pela costa do rio Maratauíra.

O Igarapé da Velha, que deságua no Furo Pai Pedro é outro espaço que traz um aspecto sobre a memória local, mas que se relaciona a aspectos mais marcantes na história do Pará, diz respeito à Cabanagem, que é o mais notável movimento

¹⁸ COSTA, Maria. Entrevista concedida ao autor, no dia 19/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

¹⁹ CARDOSO, Ivanilda. Entrevista concedida ao autor, no dia 21/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba-PA.



revolucionário na história do Pará, ocorrido entre os anos de 1835 e 1840 (FERREIRA, 2000). Conforme esta autora, a cabanagem foi uma revolução com muitas histórias, embora a centralidade esteja voltada na luta do povo negro por espaço social e a luta contra a opressão dos brancos, mas que é importante ressaltar que o movimento se espalhou na Amazônia, como o caso da Vila de Beja (distrito de Abaetetuba), destacada por comandantes da guerrilha como lugar privilegiado pela fertilidade do solo e escoamento da produção.

Os entrevistados relataram que o Igarapé da Velha, serviu de esconderijo de cabanos, que foram perseguidos durante o período mencionado. Nos relatos fazem menção a uma senhora que foi assassinada e velada nesse igarapé, daí o nome desse topônimo. Diz a entrevistada:

Os mais antigos contavam que nesse igarapé uma velha fugia da revolta da cabanagem, ela foi se esconder pra esses lados com medo que matassem ela, aí parece que pegaram ela, mataram e enterram ela nesse Igarapé e assim ficou o nome, 'igarapé da velha', até porque lá começou a fazer barulhos, jogarem pedra. Lá tinha muitos poços e uma vez me jogaram uma pedra lá.²⁰

Os poços aos quais a entrevistada faz referência, são muito comuns no Pai Pedro. Do ponto de vista físico são depressões que se formam no leito dos igarapés e lugar de procriação de cardumes de peixes endêmicos, ou seja, próprios desse ambiente. Por outro lado, eram lugares pouco frequentados, haja visto as histórias de visagem contadas pelos entrevistados. Embora não tenha nenhuma ruína de cemitério ou túmulo no local, nos relatos mencionam pedras que eram arremessadas ou barulhos que causavam arrepios. Esses são indícios de um acontecimento real que marcou a história do Pará.

A pesquisa de Ferreira (2013) retrata as travessias das baías, rios, furos e igarapés sobre a revolta da cabanagem, salientando a violência e expropriação de terras e de cabanos que tiveram seus corpos desaparecidos nas matas e nos rios do Grão-Pará. Em concomitante, o Igarapé da Velha carrega consigo o sangrento conflito.

Por outro lado, os poços, verdadeiros criadouros de peixes, ao serem preservados pelos espíritos invisíveis da mata, deixava antever um modo de preservação. Pois ao não serem alterados e/ou manuseados com frequência, permitiam o desenvolvimento dos peixes, que, ao atingirem a fase adulta, desciam para o igarapé e rios.

²⁰ COSTA, Maria. Entrevista concedida ao autor, no dia 19/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba-PA.



Conforme mencionado no croqui presente na figura I, os igarapés eram tomados por poços, nesses locais havia diversas espécies de peixes. Hoje os peixes estão em menor quantidade e os entrevistados relatam o desaparecimento de algumas espécies, por outro lado, o assoreamento alterou os *habitats* dos peixes, como afirma o entrevistado:

Hoje a gente não ver mais muito tipo de peixe, só que também o poço tá secando, têm muito pau de árvore e isso vai enchendo o poço, aí o camarão, o acará, jacundá, cachorro de padre tão saindo, tem garapé que nem tem mais poço, olha o bacú que era o que mais se via aqui, num se vê mais e com isso até a pesca vai ficando ruim, a gapuia ninguém mais faz, antes era muita fartura.²¹

O assoreamento nos igarapés leva à escassez do peixe, como aponta Ramalho et al (2014), que faz um levantamento de fatores que levam à ausência de peixes nos rios e seus afluentes, como é o caso dos igarapés que estão com sua profundidade alterada, tendo como principal elemento os troncos das árvores que são jogados nos rios.

Os novos tempos e a mudança na paisagem

A importância de compreendermos a contribuição da cartografia social na perspectiva de descrever o conhecimento empírico com o conhecimento científico, como menciona Almeida (2012), está na atuação dos sujeitos na construção da cartografia social que fazem o coletivo presente no território, de forma que eles seccionam as informações da comunidade, e assim se torna uma tarefa de cada sujeito dessa comunidade que forma a identidade coletiva.

O território de povos e comunidades tradicionais estão apropriadas pela agroestratégia, a partir de projetos pensados para o crescimento econômico, que beneficia o agronegócio e projetos ruralistas do estado (ALMEIDA, 2004) e ameaça a biodiversidade territorial, os avanços da modernidade que devasta a diversidade (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2015).

Desta maneira, é possível compreender que esses agentes sociais desempenham uma variedade de funções em seu cotidiano, naquilo que se sustenta Almeida (2012), que a Amazônia é formada por sujeitos com uma pluralidade de funções, a exemplo do pescador, agricultor, peconheiro, caçadores e outras funções desempenhados por pessoas que pertencem a este território, como é a situação das olarias.

²¹ COSTA, José Manoel. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



Na Amazônia, as olarias mudaram sua configuração de produção nas últimas décadas, aponta-se para as baixas dessa atividade a ação de órgãos fiscalizadores nas condições de trabalho (PORTELA; BARBOSA, 2015). Hoje reduziu o número desses empreendimentos e os artefatos de barro (potes, agudá, vasos, filtros entre outros) já não são fabricados como antes. Permanece ainda a produção de telhas e tijolos utilizadas para a construção de casas.

Os entrevistados retratam que até boa parte do século XX, as famílias mais humildes tinham suas residências de parede de miritizeiro e coberta com palha dentro dos furos e igarapés. Por outro lado, os donos de comércio e os que tinham maior propriedade de terras moravam na costa do rio e suas casas eram de madeira e alvenaria.

As casas hoje são de madeiras e de alvenarias, têm mais materiais do homem moderno, geladeira, ventilador, televisão entre outros equipamentos utilizados no cotidiano das famílias. O relato a seguir descreve como era antes:

Quem tinha casa de madeira era quem tinha uma condição melhor, era o dono de olaria, os viajantes também, ou quem tinha maior quantia de terra, tinha na beira da costa uma indústria imensa, que também era comércio, pessoal trabalhava e nem recebia o que ganhava porque tinha que pagar o que tinha pego lá. Eles chamavam de 'meus lambaia' pra quem servia eles.²²

O relato da entrevistada remete à questão do aviamento. De acordo com os estudos de Roberto Santos (1980), o aviamento é uma forma de crédito informal que foi muito utilizado no período de colonização do Brasil. Os trabalhadores faziam seus débitos e pagavam com seu trabalho, enquanto sua dívida não tinha fim.

Paralelo a isso, o termo “lambaia” citado na fala da entrevistada, remete à situação a qual era visualizada aquele que dependia do dono do comércio para sobreviver, seja para trocar o peixe ou a colheita da agricultura ou pelo trabalho que tinha na propriedade do capitalizado. Os homens eram mandados de quem tinha melhor condição patrimonial, que por sua vez eram portugueses ou famílias com melhor capital.

Além da agricultura, uma das estratégias utilizadas pelos moradores para evitar o aviamento é a prática da pesca. Essas práticas realizadas pelos pescadores e agricultores é a forma de expressar suas sobrevivências nesse território:

Antes o nosso terreiro tinha muita planta pra remédio, tinha os roçado, o nosso roçado era nossa comida, o arroz, feijão, milho, jerimum. E as roças não era pro centro do mato, hoje tem que carregar o açaí de longe mesmo, esse é o nosso trabalho hoje, a gente veio de escravidão, tinha gente que penava na tiração de barro pra olaria, o trabalho com a cana, trabalho pesado mesmo e os senhores que tinham propriedade, eles exploravam

²² COSTA, Maria. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



*mesmo, se tu ia passando no rio e eles te chamassem tu tinha que voltar pra ver o serviço que era pra fazer, ai de quem não voltasse*²³.

As famílias, segundos os relatos, tinham como fonte de subsistência a agricultura. Como tinham dificuldade de acesso à cidade, plantavam em seus terreiros e faziam as roças na intenção de ter nas terras variedades de vegetais utilizados como remédio caseiro e alimento. Na atualidade, reduziu o número de hortas, e com a evolução das embarcações, o acesso à sede municipal ficou mais fácil, e comprar alimentos é a opção mais utilizada, como é possível observar no relato da entrevistada:

*A comida era a que nós fazia na panela de barro, pegava tudo do nosso terrero, era uma comida gostosa, até o açaí que a gente tomava amassado no aguidá, o açaí tinha gosto, hoje em dia nós bebi um açaí travoso porque a máquina escangalha o caroço e essas comida de hoje num dá nem vontade*²⁴.

A opção por escolher o que comer e a forma como se alimentar é algo que vem sendo debatido acerca dos conceitos da soberania alimentar. Uma vez que com a modernização e o avanço da industrialização vem se alterando o hábito alimentar, principalmente das comunidades rurais que têm um jeito próprio de fazer suas culinárias e suas refeições.

Subsistir na atualidade em que a modernização é também responsável pelas mudanças desses hábitos alimentares presentes na fala da entrevistada é a demonstração da resistência diante dos impérios alimentares que ofuscam a verdadeira sustentabilidade a partir do saber dos povos tradicionais (PLOEG, 2008).

Outra forma de sustentar a família, e umas das principais, é a pesca. Na atualidade muitos têm suas redes e materiais de pesca feito de linha de náilon, no entanto, o peixe está escasso, antes tinha uma enorme variedade de espécies, – era jacatinga, braço de moça, jandiá –, e como fala o entrevistado José: “*Tem peixe que essa juventude que tá não conhece, nunca viu, nunca pescou com o parí, não sabem o que é (risos)*”²⁵.

Esses relatos explicam os modelos de pesca. O parí²⁶, por exemplo, era como se fosse as redes de pesca dos dias atuais, como não havia condições para comprar, teciam

²³ COSTA, José Manoel. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

²⁴ CARDOSO, Lucimar. Entrevista Concedida ao autor, no dia 21/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

²⁵ COSTA, José Manoel. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

²⁶ Conforme a obra “Meu Dicionário de Coisas da Amazônia” (MORAIS, 2013, p. 132), pano de talas e varas com que se constrói o cacuri, que é uma espécie de tapagem armada nas praias e onde o peixe que desce ou sobe a margem esbarra, resvala, procurando o fundo e cai no saco do cacuri.



o parí com a tala do Jupatí²⁷, como se fosse o matapi aberto. O parí servia para várias práticas pesqueiras, principalmente dentro dos poços existentes no furo e nos igarapés que banham as margens do furo Pai Pedro.

Quando era capturado o camarão, as famílias tinham várias receitas e algumas se mantêm hoje. Por exemplo, a jacuba era uma refeição que sustentava as pessoas, como apresenta esta entrevistada:

A jacuba era usada pelas mulheres antigas, minha mãe colocava eu e meus irmão para descascar o camarão quando ele já estava frito, aí coloca no camarão água, a farinha, pimenta em pouca quantidade e limão, esses são os principais se tiver outros temperos da pra colocar, isso matou muito a nossa fome, mamãe colocava a gente na roda e fazia a roda de jacuba.²⁸

Se tratando das comunidades ribeirinhas, identifica-se a alimentação como potencial dos recursos naturais, que era a forma que essas comunidades se alimentavam, sem necessariamente terem dinheiro, mas sim aquilo que produziam e tinham em seus territórios.

Nessa perspectiva, perpassa na condição humana, a partir da alienação com relação ao mundo, onde o ser humano criar ferramentas para fazer o seu labor levando em conta a sua realidade, mas que isso vai desaparecendo na medida que novas ferramentas vão surgindo, iniciando para suprir necessidades individuais, mas que o passar do tempo alcança o público (ARENDR, 2010).

Antes os pescadores não precisavam de muito tempo para pescar, usavam suas ferramentas de pesca e com pouco tempo já pegavam o peixe, agora, joga-se a rede e se pesca sacolas plásticas, vidros, pneus *etc.* É verdade que os próprios moradores jogam tais objetos poluentes, mas também é verdade que são embalagens e produtos de grandes empresas, que desde o início da revolução industrial não sensibilizaram as pessoas sobre o uso de seus produtos.

Se junta a isso a situação da palmeira do açai, que, de acordo com Freitas (2019), sobre a demanda do açai, vem trazendo sérios problemas para a assembleia de espécies vegetais. O trabalho aponta para as espécies de árvores nativas que estão ficando escassas, pois elas são retiradas para ser plantado o açazeiro, comprometendo a funcionalidade da floresta.

²⁷ Para (MORAIS, 2013, p. 110), o Jupatí (*Raphia tadigera*) – Palmeira que só habita em terras banhadas pelo fluxo e refluxo da maré. Do talo cilíndrico das folhas se extrai uma fibra alva, delicada, da qual se fabricam chapéus tão leves que parecem feitos de plumas.

²⁸ COSTA, Maria. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



A expansão do açaí

Nota-se que a dedicação de tempo e espaço na produção do açaí vem predominando no terreno dos ribeirinhos. Tal atividade se repete na maioria das famílias, principalmente naquelas que têm áreas maiores de terrenos, considerando que estas estão plantando mais açaí, configurando a monoculturas da palmeira no território.

Esse efeito reflete o que aborda Shiva (2003), na qual as comunidades tradicionais são guardiãs do território que vivem, porque sabem cuidar da terra, fazendo uso daquilo que era necessário para manter a sua existência. Enquanto a monocultura é a ameaça da biodiversidade, por trazer escassez e pobreza para esses povos. Concomitante, Almeida (2004) diz que essas comunidades: “expressam a biodiversidade e a existência coletiva de diferentes povos e grupos sociais em suas relações com os recursos e a natureza” (ALMEIDA, 2004, p. 9).

O modo de vida que era vivenciado pelas famílias ribeirinhas até a metade do século XX vem se alterando. Dentre essas mudanças, destaca-se o manejo dos açaizais, que inicia no final deste século. É nesse contexto que se perpetua no século XXI que o fruto do açaí se torna a principal fonte de recurso financeiro das comunidades ribeirinhas localizadas na região insular das ilhas de Abaetetuba, como é possível perceber na fala do entrevistado Heraldo.

Desde os meus 13 ano eu já trabalhava com velho no roçado, meu avô e pai de criação, aqui mesmo na região, ia ajudar ele capinar, cortar cana, ai foi acabando o engenho e eu passei pra olaria pra trabalhar com meu tio, trabalhar no barrero com uns 15 ano, serviço pesado, dia e noite trabalhando, acabo a olaria e passemo pro açaí, tô mais de 20 anos nessa peleja de açaí eu tô com 64 ano²⁹.

O entrevistado Heraldo, aborda a mudança da atividade de trabalho que ele teve que fazer chegando até a mão de obra voltada para o açaizal. É interessante perceber que nas últimas décadas do século XX, esses ribeirinhos enxergaram uma possibilidade de comércio. Daí a importância de dar voz às populações mais vulneráveis que têm outras práticas no seu cotidiano, pois são as denominadas comunidades tradicionais que precisam ser porta voz das suas práticas e suas experiências.

Os relatos transitam em meio àquilo que é lembrado durante a trajetória desses sujeitos, essas trajetórias têm um desfecho coletivo quando pensadas a partir do território. Portanto, suas vivências no trabalho com a cana de açúcar, nas olarias, se

²⁹ RIBEIRO, Heraldo. Entrevista Concedida ao autor, no dia 21/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



desvelam e assumem outro caráter ante as conquistas com o cultivo do açaí, como é possível perceber na fala do senhor Heraldo:

Hoje o açaí dá uma melhor condição pra nós, tempo atrás desde quando eu me entendo era uma situação difícil, a gente só trabalhava pra comer mesmo, mas cada um se virava pra um lado, quem pescava, pescava, quem ia pra olaria ia, quem ia pra engenho, hoje em dia o açaí trouxe uma melhor condição, pra gente comprar uma roupa, uma carne, que era difícil a gente comer, ter uma televisão pra assistir, mas tudo é por causa desse açaí³⁰.

O açaí oportunizou aos ribeirinhos acessarem o comércio, é o que aponta os estudos de Nascimento e Guerra (2016). Possibilitou as famílias a terem acesso à energia elétrica, geladeira, televisão, embarcações motorizadas entre outros eletrodomésticos que contribuíram para uma melhor qualidade de vida.

Mas é necessário refletir acerca das comunidades ribeirinhas em Abaetetuba que são protagonistas em seus territórios, as quais têm um papel fundamental na tradicionalidade dos povos, que vem sendo ameaçada pela monocultura do açaí, na perspectiva de perceber as mudanças paisagísticas, como fala a entrevistada:

Era muito difícil a gente ver antes uma casa de madeira, a maioria era casa de paxiuba, a parede era de miriti, hoje tem casa alvenaria já, o tempo foi passando e tem a condição, demais hoje com o açaí. Apesar de tudo a gente tinha paz, hoje a gente compra nossas coisinhas, mas a gente fica visado com a pirataria.³¹

Conforme as entrevistas, percebe-se as atividades realizadas pelos moradores, onde o açaí começa a ser mais valorizado a partir de 1990. Antes disso, destaca-se nas entrevistas a extração da borracha, cana de açúcar, trabalho nos engenhos, o serviço das olarias, extração do palmito do açazeiro e o açaí. Esta última se intensificou próximo às casas, bem como ao longo do terreno dos agricultores com o aumento de demanda no mercado, até chegar no predomínio dos açazais em toda parte.

O manejo e extração do açaí continua se intensificando no território da várzea, de maneira que não se pensa em uma área de terra sem um açazal, como demonstra a fala do entrevistado: “*Eu já iniciei nessa experiência com o açaí, peguei o fim do trabalho da cana, mas eu comecei a limpar o mato do meu avô, e hoje eu tenho meu pedaço de terra e já trabalho hoje com meu próprio açazal*”³².

³⁰ RIBEIRO, Heraldo. Entrevista Concedida ao autor, no dia 21/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

³¹ SOARES, Maria. Entrevista concedida ao autor, no dia 26/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba-PA.

³² CARDOSO, Vitor. Entrevista concedida ao autor, no dia 26/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba-PA



Os relatos mostram que os agentes sociais, no manejo dos açazais, foram realizando essas experiências no seu terreno ao longo dos anos para chegar em uma conclusão de como seria a melhor forma de intensificar a produção; de acordo com a fala do entrevistado, é possível perceber que houve testes e planejamento para aumentar a produção no seu terreno:

Eu venho trabalhando, fazendo experiência, eu tô achando que cada ano vai aumentando a produção. Quando comecei, comecei com poucas, produção menor, trabalhava 600, 700 rasas no ano, aí foi aumentando, hoje eu faço conta que eu tenho uma base de 2.000, 2.500 lata de açai por ano.³³

Com base na fala do entrevistado, tomou-se como análise um terreno para verificar como é subdividida a área de manejo desse produtor. A mudança provocada pela monocultura do açai nesse terreno tomado como exemplo é descrita da seguinte forma. A área do produtor é dividida em parcelas que ele denomina de “ponta de açazal”. A medida total dessas pontas do terreno equivale a, aproximadamente, 7 hectares de terra.

As pontas de açazal são a forma com que o produtor se organiza para fazer o manejo da terra, que se realiza por meio de rodízio. Para fazer a limpeza do terreno, o produtor retira a mata, derruba as árvores de outras espécies que não contribuem para o desenvolvimento do açazeiro, bem como retira açazeiro velho que pouco produz, posteriormente é feito o plantio de novas palmeiras de açai, como é explicado pelo entrevistado no relato a seguir:

A gente tem que trabalhar o plantio a 4 metros a distância de uma árvore pra outra árvore e no meio dessas árvores que vem desenvolvendo a gente tira aquelas árvores que vão envelhecendo, né, elas vão envelhecendo e vão deixando as filiações pequenas, médias e as maiores pra todo tempo se fazer, porque quando se faz esse manejo a terra fica forte e o açai produz mais (...) quando se vai preparar uma área para o plantio do açai, tem que tirar uma certa quantidade de árvores, aquelas árvores muita alta, que tá muito fechada, que sufoca o açai tem que tirar uma parte, mas você tem que deixar árvores longe da outra, no caso o miritizeiro, é as árvores maiores, seringueira, pode plantar o facãozeiro, ingazeiro, o próprio cupuaçuzeiro porque isso são árvores que produz o estrumo, a folha se torna adubo³⁴.

Conforme o relato pressuposto apresenta os passos que ele tomou para chegar ao ponto que atualmente se encontra, como o exemplo, a retirada das árvores mais antigas do açai. O entrevistado entende que a retirada do açazeiro velho serve de reciclagem

³³COSTA, José Manoel. Entrevista Concedida ao autor, no dia 20/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.

³⁴ RIBEIRO, Reginaldo. Entrevista Concedida ao autor, no dia 26/06/2021, na comunidade Costa Maratauíra, Abaetetuba – PA.



para fortalecer o solo, para que as filiações de açazeiro venham com mais força para produzir.

O relato é um demonstrativo da modificação da agricultura na várzea ao longo das últimas décadas. Se antes o açaí era apenas mais uma espécie das variedades de espécie que continha, na atualidade, os moradores estão plantando cada vez mais o fruto da palmeira de açaí. Nota-se que a dedicação de tempo e espaço na produção do açaí vem predominando no terreno dos ribeirinhos. Tal atividade se repete na maioria das famílias, principalmente aquelas que têm áreas maiores de terrenos, considerando que estas estão plantando mais açaí, configurando a monoculturas da palmeira no território.

Esse efeito reflete o que aborda Shiva (2003), na qual comunidades tradicionais são guardiãs do território que vivem, porque sabem cuidar da terra, fazendo uso daquilo que era necessário para manter a sua existência. Enquanto a monocultura é a ameaça da biodiversidade de forma que, esse processo tende a trazer escassez e pobreza para esses povos.

Considerações finais

A mudança na paisagem está presente na trajetória contada pelo ribeirinho, que não necessariamente é só pescador, ou só agricultor, mas que assume no seu território múltiplas funções, sua trajetória está ligada à coletividade do seu povo, mas que ao longo do tempo vai se aperfeiçoando sem esquecer daquilo que foi vivido pelos seus ancestrais, mas que vê modificada suas relações sociais e ambientais.

Com o estudo a partir da oficina de cartografia social, foi elaborado o croqui do furo Pai Pedro. Nesse esboço, os agentes foram lembrando elementos da memória de moradores desse lugar que vislumbram as relações sociais e ambientais. A ferramenta cartográfica é de fundamental importância para recordar, refletir e descrever acerca das ações vividas no território.

Em um tempo em que as comunidades tradicionais estão sendo ameaçadas por políticas ambientais das agroestratégias que aumentam a produção em larga escala de terras, em nome do “desenvolvimento” interesse de empreendimentos. Essas ações interferem no cotidiano de comunidades e povos tradicionais, que têm relação estreita com seus territórios.

Faz-se necessário incentivar esses povos na resistência dentro de seus territórios, pois eles são capazes de ser sinal de esperança com seus saberes e sua autonomia



alimentar, uma vez que a segurança alimentar e nutricional também se torna alarmante, na medida que o avanço da modernidade e a expansão do açaí para uma monocultura se consolida nas comunidades ribeirinhas.

Data de Submissão: 13/09/2022

Data de Aceite: 07/11/2022

Referências

ACSELRAD, Hanry (org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578708/mod_resource/content/1/COMP_ACS_ELRAD%20-%202013%20-%20Cartografia%20Social%2C%20Terra%20e%20Territ%C3%B3rio.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Mapas situacionais e categorias de identidade na Amazônia. In: ZARATE, C. (ed.). **Espacios urbanos y sociedades transfronterizas em la Amazonia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2012. p.167-187.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 9-32, 2004.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Territórios e territorialidades específicas na Amazônia: entre a “proteção” e o “protecionismo”. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 64, p. 63-71, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000100005>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ARANGO, Vladimir Montoya; RENDÓÒN, Germáan Arango. Territoórios visuales del tiempo y la memoria. Exploraciones metodológicas em la vereda Mogotes del município de Buriticá (Antioquia, Colombia). **Boletim de antropologia**, Universidad de Antioquia, vol. 22, n. 39, p. 185-206, 2008. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/boletin/article/view/6705/6139>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ARAÚJO, César Teixeira Donato de; NAVGANTES-ALVES, Lívia de Freitas. Do extrativismo ao cultivo intensivo do açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico: sistemas de manejo e suas implicações sobre a diversidade de espécies arbóreas. **Rev. Bras. de agroecologia**, v. 10, n. 1, p. 12-23, 2015. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/16397>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo; revisão técnica Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AZEVEDO, Dadiberto Pereira. **A construção social do mercado de açaí para fortalecer a gestão territorial na ilha do Capim, no município de Abaetetuba no estado do Pará**. 2019. 159 f., il. Dissertação (Mestrado profissional em sustentabilidade junto a povos e territórios tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.



- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- CASTRO, E; CUNHA, L; SANTOS, N. P. Análise Integrada da Paisagem da Raia Central portuguesa. **Minerva**, v. 5, n. 2, p. 139-147, 2005.
- CHAVES, Genisson; FURTADO, Lourdes. Entre rios, furos e igarapés: o ambiente aquático no imaginário social dos ribeirinhos de uma sociedade amazônica. **Contribuciones a las ciencias sociales**, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/2017/02/rios-furos-igarapes.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- FERREIRA, Eliana. Comemorações e memória da cabanagem. **Projeto História**. São Paulo, v. 20, p. 315-321, abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10822/8040>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- FERREIRA, Eliana. “Forão sítios dos criminosos”: expropriação na província do Pará – meados do século XIX. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTORIAHISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364703149_ARQUIVO_1textoANPUH2013-FORAOSITIOSDOSCRIMINOSOS.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.
- FREITAS, Madson. **O extrativismo de açaí (Euterpe oleracea Mart.) e a natureza das assembleias de árvores em várzea amazônica**. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- GAWORA, Dieter. Povos e comunidades tradicionais e seu papel estratégico – da perspectiva defensiva à ofensiva. **Tempo da Ciência**, [s. l.], v. 21, n. 41, p. 93-112, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rtc.v21i41.11021>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GONSALVES, Denival de Lira; BRASIL, Davi do Socorro Barros. Problemas ambientais e sustentabilidade nas várzeas da Amazônia Tocantina: um estudo no Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista II Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Pará, v. 7, n. 4, p. 89-99, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232016000400011>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- LIMA, R. R.; TOURINHO, M. M.; COSTA, J. P. C. **Várzeas flúvio-marinhas da Amazônia brasileira**: características e possibilidades agropecuárias. Belém: FACP, 2001.
- MORAIS, Raimundo. **O meu dicionário de cousas da Amazônia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
- NASCIMENTO, Elcio; GUERRA, Gutemberg. Do avortado ao comprado: práticas alimentares e a segurança alimentar da comunidade quilombola do baixo Acaraqui, Abaetetuba, Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 1, p. 225-241, jan./abr. 2016.
- NOGUEIRA, Amélia. Geograficidades e cartograficidades: os mapas mentais e o ato de representar. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 25, n. 5, jan./dez. 2021.
- PLOEG, J. D. Van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto alegre: UFRGS, 2008.



PORTELA, Mirya; BARBOSA, Ranyellson. Impactos ambientais da exploração de argila em uma olaria em Teresina-PI. **Caderno de Estudos Ciência e Empresa**, Teresina, ano 12, n. 1, jul. 2015.

RAMALHO, Werther; SUSÇUARANA, Monik; LÓPEZ-ROJAS, Jhon; ROCHA, Lucena; KEPPELER, Erlei; VIEIRA, Lisandro. Impacto do assoreamento sobre a diversidade de peixes em igarapés de um complexo vegetacional de campinarana no noroeste do Acre, Brasil. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 9, n. 2. p. 105-114, 2014.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia: 1800-1920**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SAQUET, Marcos. Por uma abordagem territorial: continuando a reflexão. *In*: SAQUET, Marcos. (Org.). **Estudos territoriais na ciência geográfica**. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 47-74.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOLEDO, Victor. Povos/comunidades tradicionais e a biodiversidade. *In*: LEVIN, S. et al., (eds.). **Encyclopedia of Biodiversity**. Academic Press, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.